

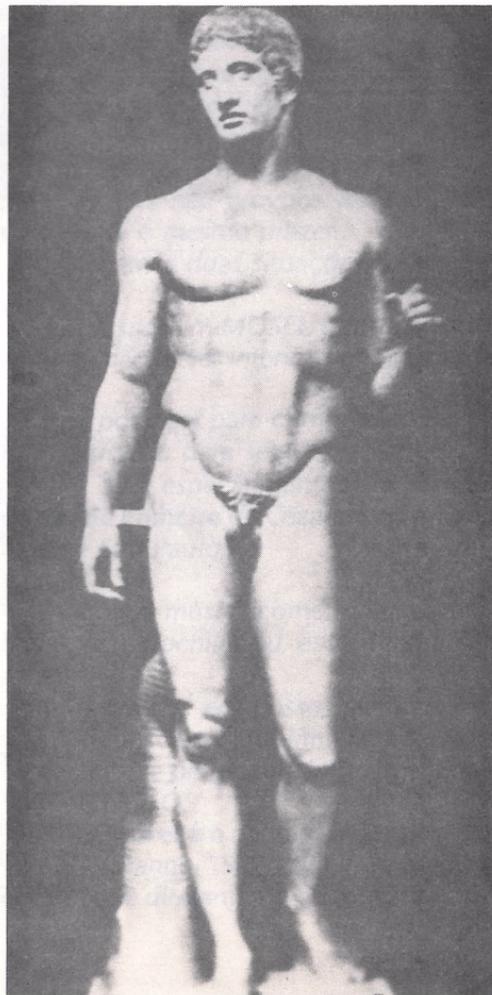
239488

VALOR ESTÉTICO DA OBRA DE ARTE

Prof. Fernando A. F. Bini

*Na tradição ocidental, a produção e a percepção da obra de arte estão ligadas ao "PRAZER"; a **fruição estética** deve provocar no artista ou no observador um "prazer".*

ILUSTRAÇÃO I – POLÍCLETO, o Doriphoros. Grécia, séc. V a.C.



A interpretação ou a forma deste prazer é que tem justificado o **valor** da obra de arte através dos tempos.

Em cada época ou momento histórico houve formas de análise do prazer estético; são unicamente formas diferentes para o mesmo ato, um ato que se perde na história da humanidade: não é a beleza que muda, mas os critérios com que analisamos a beleza.

que ao ingênuo estas sensações sejam mais puras e simples, mais "verdadeiras", porque talvez não esteja influenciado por outra coisa que não a sua própria e ingênua **visão de mundo**; mas é o "connoisseur" quem sabe melhor tirar proveito dessa fruição.

Portanto, o conhecer a história do pensar estético, longe de ser uma erudição, ajuda a penetrar no "prazer" — só é capaz de fruir totalmente o prazer quem conhece a natureza do prazer. (Isto não é só tradição



ILUSTRAÇÃO II — RODIN, o Pensador. França, séc. XIX

Todos os indivíduos são capazes da fruição estética, sejam eles **conhecedores** ou **simplórios**; isto é, há níveis de fruição: tanto o conhecedor quanto o ingênuo receberão **sensações** da obra que observam; pode ser

ocidental, mas os orientais muito nos ensinaram sobre o prazer).

No estudo do **Prazer Estético** temos duas abordagens importantes:

a) o prazer do artista, do emissor, ao

criar sua obra;

b) o prazer do receptor, do observador da obra de arte, que é objeto de nossa análise nesse momento.

A palavra **ESTÉTICA** foi usada, pela primeira vez em 1750, pelo filósofo alemão Alexandre G. BAUMGARTEN, que publicou uma obra sobre a filosofia da arte com tal título.

No entanto, a preocupação com a estética vem de longos tempos, mas só nos são conhecidos os tratados a partir da **Idade Clássica** (séc. V a.C.).



ILUSTRAÇÃO III — VELASQUES, As Meninas. Espanha, séc. XVII

A ideologia clássica impôs normas ao pensar estético; isto é, propôs um prazer **mensurável** próprio do "connoisseur" que é o fruidor daquilo que será chamado por Kant de "**prazer desinteressado**".

O pensamento estético na Idade Clássica estava preocupado com a natureza do **Belo** unida ao conceito de **Bem**; isto é, ligada a uma intenção moral.

É o conceito de **KALOKAGATHIA**, a **perfeição** como unidade de beleza e de bondade — a obra de arte é o **TECHNE**, o que é tecnicamente perfeito, cumpre a sua função de bom e de belo.

Na produção da obra de arte pelo artista, está contido o conceito de **POÍESIS**, que é a **sensação**, o prazer sentido ao produzir a obra de arte, o valor poético de ter a perfeição.

Para a sensação ou sentimento do prazer estético operado ao **ver** ou reconhecer a obra de arte, conhecimento este pelos sentidos, é a **AÍSTHESIS**, de onde surgiu o nome **ESTÉTICA** (ou **AESTHETICA** de Baumgarten).

A obra de arte é uma **imitação da natureza**; isto é, uma **MÍMESIS** que busque a perfeição (idealismo). Esta busca da perfeição inclui, como já foi dito, a **Poiesis** e a **Aísthesis**, e deve provocar, no criador ou no observador, a **KÁTHARSIS**, ou seja, os efeitos que a obra de arte causa no artista ao criá-la ou no observador ao admirá-la; é o efeito que possibilita ao receptor liberar o seu eu, tornar-se unidade com a obra — a essência do prazer.

A distinção que podemos fazer com relação a **Poiesis** e **Aísthesis** na recepção ou observação da obra de arte, é a relação que existe entre as artes do "passado" (pelo menos no que pensamos delas) clássico e a arte de hoje.

A arte clássica da antiguidade e mesmo a acadêmica nos coloca numa situação de observadores. A nossa participação é unicamente nas sensações sensíveis que obtemos ao **VER**, **OUVIR** ou, quando muito, tocar a obra de arte, isto é, a **Aísthesis**; nas obras atuais o artista exige do público uma participação mais efetiva; o público como coautor da obra, nesse momento se une à **AÍSTHESIS** também a **POÍESIS**.

Para o pensamento clássico, a **ARTE** (definida por eles de **TECHNE** ou de uma **PRÁXIS** perfeita) é uma **MÍMESIS** que deve provocar no observador uma **KÁTHARSIS**.

Esta **kátharsis**, resultado da **aísthesis** ou da **poiesis**, é o que citamos no início como o **PRAZER**, que para os gregos advinha da observação das coisas belas.

Este prazer, no entanto, pode variar em **natureza** ou intensidade, inclusive em um mesmo tempo e por um mesmo indivíduo — um determinado quadro, uma paisagem por exemplo, não provoca sempre e necessariamente o mesmo prazer.

Tomemos duas situações como ilustração:

1) visitar um **MUSEU** (apressadamente) — pode não haver intenção prioritariamente estética.

a) pode ser para cumprir um dever, para "status" ou para seguir uma moda;

b) ou ir especialmente para "observar" o **Grande Pinheiro** de Cézanne no Museu de Arte de São Paulo;

2) ouvir música como fundo para o trabalho, para cochilar ou, então, embarcar no avião.

Só penetra em nossos sentidos aquilo que é inconsciente, subliminar; o grande valor da obra se perde pela falta de **ATENÇÃO** ou **INTENÇÃO**.

"O Prazer é o acompanhamento do desejo" (Dufrenne, 1981); isto é, a intensidade do prazer é diretamente proporcional ao de-

sejo do prazer.

O **objeto artístico**, dado para a **experiência estética**, é totalmente **imprevisível**, criando a expectativa da descoberta, do não-conhecido — esta expectativa é tanto maior quanto mais se conhece a natureza do objeto ou do processo de prazer. É por isso que o “conhecedor” da arte tem maiores privilégios que o ingênuo durante a fruição estética.

A **forma do objeto** não é simplesmente

a imagem representada no quadro; ela é o que nossa imaginação **reflete** desse objeto, isto é, são as **sensações** que esse objeto nos provoca.

Assim, todos temos capacidade de **fruição estética**. A obra de arte existe para todos e todos têm sua forma de análise. Mas quanto mais penetrarmos em sua natureza, mais nos tornamos prisioneiros do **prazer estético** que ela suscita.



ILUSTRAÇÃO IV — PICASSO, As Meninas. França, séc. XX